

O novo homem do Apla

Iuri Botão

iuri@jornal.com.br

Desde o início de janeiro o Apla (Arranjo Produtivo Local do Alcool) tem um novo presidente. É o diretor técnico da entidade, Henrique Vianna Amorim, 73, que tem experiência de 35 anos na área de fermentação. Paulistano de nascimento, ele veio a Piracicaba nos anos 1960 para estudar engenharia agrônoma na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz), onde foi professor até se aposentar, em 2001. Com experiência internacional, mestrado, doutorado e livre docência, a atuação de Amorim sempre mesclou academia e mercado, já que no início dos anos 1980 fundou a Fermentec, que hoje atua em desenvolvimento de tecnologias e processos para todas as áreas das usinas de açúcar e álcool. Piracicabano adotivo — “aqui eu me casei, estudei, trabalhei, realizei todos os meus sonhos”, disse ele — o professor, pesquisador e empresário é o entrevistado da semana na série Persona.

Sua entrada na presidência da Apla é novidade, mas atuar na entidade não, certo? Como foi esse processo e quanto tempo deve ficar?

O Tarcisio Mascarin (ex-presidente do Apla) pediu licença por um ano para assumir a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. Creio que minha permanência aqui seja nesse período. Mas estou desde o início. No primeiro ano participei como membro, depois fiz parte da diretoria, sem cargo, depois integrei o conselho e no ano passado entrei como diretor técnico. É uma associação cujo trabalho é aumentar as ven-

cou mais barata que o álcool, então diminuíram a produção de álcool para aumentar a de açúcar, cujo preço está razoável. Mais usinas faliram, 20 das 420 já não vão funcionar neste ano, a maior parte delas, destilarias autônomas que só fazem álcool, pararam e vão vender a cana para outros. Não adianta querer misturar mais álcool na gasolina se o preço não dá para pagar as contas. Enquanto isso a Petrobras está numa situação muito ruim, para se ter ideia, as ações dela caíram pela metade em dois anos. Ela era de longe a empresa mais valiosa da América Latina e hoje vale menos que a Ambev. Aumentar o álcool na gasolina não vai resolver o problema, e vai aumentar o buraco mais ainda.

Quais serão os maiores desafios nesse ano?

A situação é crítica, o setor está passando por uma crise extremamente grande. Quando disse que o Apla tem sucesso, é um sucesso relativo: quando os outros estão muito ruins, nós aqui temos um bloco de empresas que estão se lançando no mercado, fazendo ações conjuntas para movimentar negócios. Participei de várias dessas viagens e encontrei uma coisa espetacular: você não só exporta o produto, mas também, dos brasileiros que fazem parte, um passa a conhecer o outro. Quer dizer, saíram muitos negócios entre os brasileiros que pertencem ao Apla. Às vezes você vende para fora e esquece sinergismos que podem acontecer aqui dentro, porque é difícil chegar com o seu produto sozinho, às vezes ele depende de outro para poder funcionar. E o Apla tem os pacotes completos. E você vai falar: mas não tem competição? É claro que tem, tem de tudo, mas tem siner-



Isabela Borghese/UP

Henrique Amorim, presidente do Apla (Arranjo Produtivo Local do Alcool): desafio é revitalizar o setor

Hoje 80% das leveduras industriais para produzir álcool no Brasil fomos nós que selecionamos.

das e divulgar os produtos de Piracicaba e região. Foi um sucesso tão grande que hoje no Apla daqui temos gente de Limeira, de Sertãozinho. Dos que existem no Estado de São Paulo, creio que esse seja o de maior sucesso. Todo ano se faz visitas a outros países, principalmente da América Latina, mas também já fomos para a África. O Flavio Castelar, nosso diretor executivo, está agora no Sudão tentando fechar um acordo lá. É bem abrangente.

Especificamente na questão do etanol, há uma discussão desde a semana passada sobre o governo anunciar ou não o aumento do uso do combustível na gasolina. Isso é bom para o setor?

Só aumentar o etanol na gasolina não vai resolver muito. Vai aumentar o consumo de etanol não tendo etanol? No ano passado já importamos 1,5 bilhão de litros, principalmente dos Estados Unidos. O que o governo deveria é deixar preço da gasolina variar de acordo com o preço internacional. A Petrobras está numa situação econômica complicada por estar há seis anos sem aumentar, porque o governo quer segurar a inflação. E nos últimos sete anos dobrou o custo do álcool. Quando sobe o preço do petróleo, sobe tudo, e a gasolina não. O que aconteceu? A gasolina fi-

gismo também, e isto é uma coisa espetacular que está acontecendo. Mas a coisa não está boa. E você vê os Estados Unidos sem conseguir recuperação desde 2008, a Europa afundando, e nós ainda naquela euforia. A rebarba da crise chegou para a gente um pouco depois, você vê já neste ano: pelo que tudo indica em janeiro vamos importar mais que exportar, o que não acontece há mais de dez anos. O que vejo é o seguinte: o Apla foi super muito bem tocado, desde a ideia do Luciano Almeida, depois o José Antônio de Godoy, o Tarcisio... eu peguei o carro andando, vamos continuar a mesma política e esperamos que neste ano, mesmo com toda a crise, consigamos avançar as coisas.

Esse trabalho de lidar com diferentes empresas é semelhante no Apla e na Fermentec?

Nossa empresa atua em pesquisa, transferência de tecnologia e treinamento de pessoal. Nós não produzimos equipamentos, mas precisamos deles. E isso eu percebi quando entramos no Apla, que uma série de firmas que produzia diversos equipamentos, complementavam o desenvolvimento das nossas tecnologias. E como nós desenvolvemos processos, elas também estavam interessadas em saber se o que elas estavam produzindo tinha serventia nos processos que estávamos desenvolvendo. Então há uma integração total.

Sua atuação sempre mesclou mercado e academia. Qual a importância disso na sua área?

Hoje a Fermentec continua tendo ligação com algumas universidades, com a USP mesmo, com algumas universidades de fora do Brasil. Mas a maneira de negociar as coisas e desenvolver processos limita um pouco a ligação com as universidades. A maior parte dos casos, na universidade, não têm segredo. A pessoa quer fazer uma pesquisa para publicar. E se você publica, amanhã o outro copia e vai fazer. Esse é o único senão. Mas ainda acredito que a universidade é imprescindível para o conhecimento.

Você chegou a Piracicaba por conta da Esalq?

Nasci em São Paulo, meu pai se mudou para Ribeirão Preto por causa da minha saúde e de lá eu vim para cá. São Paulo naquela época tinha um clima complica-

do, era frio e úmido, e eu não me dava com o clima. Então ele se mudou para Ribeirão, que é quente e seco, e eu consegui subsistir. Vim fazer agronomia em Piracicaba, e o gozado é que eu não queria ser duas coisas na minha vida: professor e pesquisador. E no fim, devido a um professor, Eurípedes Malavolta, vi que ser pesquisador e professor não era nada daquilo que eu imaginava. Você vê como a gente é ignorante, não? Gostava muito de festa, de tomar uns drinks, fazia esporte, era de comissão de formatura, isso não combinava, na minha cabeça, com ser um professor e pesquisador, aquele cara sisudo, até meio chato e tal. E vi que não era nada disso. Gostei tanto que no fim acabei ficando na escola, fui fazer mestrado nos Estados Unidos, depois voltei e trabalhei 12 anos com café, descobrimos muita coisa interessante.

Como passou para a fermentação?

A política do Brasil era: encher o mundo de café para evitar a concorrência. Então não premiava os

doutorado, só trabalhando em pesquisa. Hoje 80% das leveduras industriais para produzir álcool no Brasil fomos nós que selecionamos. Desenvolvemos um processo para trabalhar com altíssimo teor alcoólico e diminuir água na usina pela metade. Diminuir o volume de vinhaça pela metade. Então o nosso trabalho é esse.

Pelo que disse, tudo visando otimizar tanto lucros quanto a questão ambiental?

Isso, sustentabilidade. E felizmente uma série de coisas que foram feitas nos últimos dez anos para diminuir o custo, foram na mesma direção da sustentabilidade. Racionalização do uso da vinhaça, esse nosso processo para diminuir o volume, você vai diminuir o custo porque, vamos supor que você distribui a vinhaça de caminhão, você vai dar metade das viagens, e hoje transporte é o mais caro. Com alto teor alcoólico, vai gastar menos vapor, e vapor é energia, que hoje as usinas estão vendendo.

Você comentou do mestrado no exterior. A Ohio State University inclusive o homenageou depois. Qual a importância desta experiência?

É essencial, fundamental. Você não só aprende uma nova língua, você muda sua cabeça. Ser estrangeiro num outro país é um treco esquisito. A gente aprende não só a parte científica, a parte técnica, mas aprende a viver, cresce. Não adianta saber a parte técnica sem crescer, isso é importantíssimo. Ainda voltei lá, cinco anos depois, e fiquei um ano como professor visitante. A homenagem foi quando a parceria com a Esalq completou 40 anos, eles pegaram um professor de lá, que havia contribuído bastante, e eu que tive muita colaboração, fui o escolhido da Esalq. E o foco disso foi fazer pesquisas que pudessem ser aplicadas, e eu na minha vida sempre tentei fazer pesquisa que tivesse aplicação. O Brasil sempre foi um país pobre, você pega a renda per capita nossa e compara com a dos outros, sempre estivemos muito abaixo. Então em primeiro lugar a minha natureza, gostava de aprender para aplicar; e segundo porque estudei numa escola pública, não paguei um tostão para frequentar a Esalq, e acho que a gente tem que dar alguma coisa em troca. Coincidiu meu gosto com aquilo que eu achava justo, afinal eu estudei de graça. Vá estudar de graça na Suécia. Quando você se forma, começa a pagar o que estudou. Aqui não, nós somos ricos, não? Não precisa. Então acho que temos que pagar de alguma maneira. Há coisas que investiguei sobre o café entre 1962 e 1978 que são usadas hoje em qualidade de bebida.

Ser estrangeiro num outro país é um treco esquisito.

Em muitas áreas essa briga é ferrenha...

Ferrenha! Há inclusive aquela discussão entre alimento e energia, mas isso é muito velho. O homem, quando começou a derrubar florestas para plantar, acabou com tudo. A gente pensa que os ingleses, quando saíram de lá e foram para os Estados Unidos, foi por causa de religião, foi nada! Eles estavam morrendo de fome lá porque acabaram com a mata da Inglaterra inteira. Não tinha sustentabilidade. Não tinha mais mata, e naquele tempo a energia era queima da madeira, não tinha outra. Então essa briga sempre existiu e sempre vai existir. Eu não acredito numa solução única. O pessoal agora está falando em energia eólica. Você tem que fazer isso onde tem vento, e aqui no Brasil é no Nordeste. Aqui tem menos, aqui pode ser cana. Cada lugar pode ser uma coisa. Mas isso é o racional, o pessoal desvia as coisas, querem resolver tudo numa tacada só. O mundo é mais complexo, eu pelo menos vejo desta maneira.

Como chegou ao modelo de trabalho atual da Fermentec?

Começamos na fermentação, hoje nós trabalhamos com tudo de uma usina. Nossa base de qui-

café de boa qualidade, e eu trabalhava em qualidade do café. Fiquei meio chateado, porque estava trabalhando num negócio que o governo não dava valor, a política era outra. Hoje um café de boa qualidade vale 30%, 40% a mais que um café médio. Mas aí já tinha entrado em outra, a fermentação. Como era professor de bioquímica eu conhecia o assunto muito bem, na teoria. Tive a chance de trabalhar com três usinas justamente em Ribeirão Preto, que financiavam as pesquisas aqui na escola (Esalq). Surgiu então a oportunidade de voltar aqui, na Cosan, e aí pedi para ficar como tempo parcial na Esalq, e eles permitiram desde que continuasse com as aulas, que dei até 2001. E fazia toda a pesquisa lá dentro. Começaram a aparecer pesquisas que eram segredo, e aí não tinha jeito, por isso desde resolvei-meos comprar o terreno e montar os laboratórios fora. Já trabalho com fermentação há 35 anos, e hoje são aqui 54 funcionários. Tenho 17 técnicos, todos graduados, e vários com mestrado,

